

A economia vai bem, o povo não

Quando se lê em manchete que o programa de privatização rompeu a barreira dos US\$ 50 bilhões, que a arrecadação de impostos federais bateu recorde com os 40% a mais recolhidos em março e que as reservas cambiais estouraram em US\$ 70 bilhões jamais antes atingidos, é incontável a lembrança de uma frase do ditador Emílio Garrastazu Médici, que governou o Brasil de 30 de outubro de 1969 a 15 de março de 1974: "Chegamos à pungente conclusão de que a economia pode ir bem, mas a maioria do povo ainda vai mal."

A parte o fato de que as duas épocas não se comparam, não só pelo contraste entre a devastadora tirania do passado e o ar puro da plena liberdade de hoje, mas também pela impropriedade de citar autor tão medíocre no momento em que o presidente da República invoca pensadores clássicos, não custa registrar coincidências, sem qualquer maldade.

O general Médici disse sua famosa frase numa aula inaugural (10/3/70) na Escola Superior de Guerra, no Rio, em que sepultou as esperanças na redemocratização prometida em seu primeiro discurso ao país, cinco meses antes. Ajuda os mais jovens a entender período tão obscuro a lembrança de que Médici foi escolhido presidente pela junta militar que assumiu o poder (31/8/69) com a doença do general Costa e Silva, e que, logo de cara, enfrentou o seqüestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick (4/10/69), aventura do filme *O que é isso, companheiro?*

O período Médici foi seguramente o mais cruel de toda a opressão do regime militar, com censura à imprensa, torturas e assassinatos nas prisões, perseguições, terrorismo oficial em resposta ao terrorismo de esquerda e domínio absoluto das poucas atividades políticas consentidas. Combinava isso com grandes obras, como a Transamazônica e a Ponte Rio-Niterói, e com a euforia de altas taxas de crescimento econômico (9% em 1970; 11.3% em 1971; 10.4% em 1972; 11.4% em 1973) e uma inflação abaixo de 20%. Junte tudo isso com os slogans "Pra frente, Brasil" e "Brasil, ame-o ou deixe-o", e sinta como era falso o país da era Médici.

A economia ia bem, mas o povo ia mal. Hoje, também a economia vai bem e o povo vai mal. Excluindo a paranóia da contaminação da crise asiática e a histórica dificuldade de controlar as contas públicas, o cidadão comum tem agora, na visão da moeda estável e na trajetória sem sobressaltos da economia, a sensação de que ela vai muito melhor do que ele próprio.

A vida real não contabilizada pelos indicadores econômicos das duas épocas confirma o contraste. Se nos anos 70 houve um surto de meningite, agora há um surto de dengue. O que marcou mais a meningite foi o véu de censura jogado inicialmente sobre o assunto, como se o fato de escondê-la fosse suficiente para contê-la. O que marca mais o surto atual de dengue é o desprezo público por uma ameaça conhecida, amplamente debatida e escancaradamente localizada, com hora marcada para fazer suas vítimas.

O drama do campo nos 70 foi a seca nordestina que levou o ditador Médici a visitar os campos de flagelados do Ceará e do Rio Grande do Norte, e a ler em reunião da Sudene (6/6/70), em Recife, o melhor discurso do seu governo; exatamente porque foi uma peça literária, uma poesia, e não uma meditação política. O drama do campo de hoje é a vergonha dos acampamentos, das invasões e dos assassinatos impunes dos trabalhadores sem-terra.

A melhor diferença, entretanto, é que agora o cidadão tem direito ao voto que não tinha nos anos 70. Pode até escolher viver com febre enquanto a economia se diverte, mas ao menos isso não lhe está sendo enfiado goela abaixo.